

MARY
SHELLEY

FRANKENSTEIN

ou o Prometeu moderno

AMOSTRA

ILUSTRAÇÕES de Loren Bergantini
TRADUÇÃO de Vinicius Rocha



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

Frankenstein: Entre a Engenhosidade Literária e a Revolução Científica, IV	Capítulo 9, 106
	Capítulo 10, 114
	Capítulo 11, 122
	Capítulo 12, 132
Introdução, 1	Capítulo 13, 140
Prefácio, 7	Capítulo 14, 148
Carta I, 9	Capítulo 15, 156
Carta II, 13	Capítulo 16, 168
Carta III, 17	Capítulo 17, 180
Carta IV, 18	Capítulo 18, 188
	Capítulo 19, 198
Capítulo 1, 28	Capítulo 20, 208
Capítulo 2, 36	Capítulo 21, 220
Capítulo 3, 46	Capítulo 22, 232
Capítulo 4, 56	Capítulo 23, 244
Capítulo 5, 64	Capítulo 24, 254
Capítulo 6, 74	
Capítulo 7, 84	
Capítulo 8, 96	Sobre a Autora, 277



CARTA I

À Sra. Saville, Inglaterra.

São Petersburgo, 11 de dezembro de 17—.

Você vai regozijar-se ao saber que nenhum desastre acompanhou o começo de uma empreitada que você considerou com tanto mau agouro. Eu cheguei aqui ontem; e minha primeira tarefa é assegurar meu bem-estar à minha irmã e a crescente confiança no sucesso de meu empreendimento.

Eu já estou ao norte, distante de Londres. Conforme caminho pelas ruas de Petersburgo, sinto uma brisa fria do norte apalpar minhas bochechas, o que prepara meus nervos e me preenche de satisfação. Você compreende essa sensação? Essa brisa, que viajou das regiões para as quais eu vou, me dá um presságio daqueles climas gélidos. Avivados por esse vento promissor, meus sonhos diurnos se tornam mais fervorosos e vívidos. Eu tento, em vão, ser persuadido de que o polo é um lugar de gelo e desolação; ele sempre se apresenta à minha imaginação como uma região de beleza e encanto. Lá, Margaret, o sol é sempre visível; seu amplo disco apenas circunda o horizonte, difundindo um esplendor perpétuo. Lá — se me permitir, minha irmã, dedicarei confiança em navegantes predecessores —, a neve e o gelo foram banidos; e, navegando sobre um mar calmo, podemos ser levados a uma terra superior em maravilhas e beleza a qualquer região descoberta até hoje no globo habitável. Suas produções e aspectos podem não ter outros exemplos, já que o fenômeno de corpos celestiais indubitavelmente está naquelas solidões nunca achadas. O que não se deve esperar em um país de luz eterna? Lá, posso descobrir o poder maravilhoso que atrai a agulha, posso regular mil observações celestiais, que exigem apenas essa viagem para tornar eternamente consistentes essas aparentes excêntricas. Saciarei minha curiosidade ardente com a visão de uma parte do mundo jamais visitada e, talvez, pisarei em uma terra jamais tocada pelos pés do homem. Esses

são meus ímpetos, e eles são suficientes para conquistar todo o medo de perigo ou morte, induzindo-me a começar esta trabalhosa viagem com a alegria que uma criança sente quando embarca em seu barquinho, com seus coleguinhas, em uma expedição de descoberta em seu rio nativo. Mas, supondo que todas essas conjecturas sejam falsas, você não pode contestar o benefício inestimável que eu hei de conceder a toda a humanidade até a última geração, ao descobrir uma passagem próxima do polo até esses países, para chegar onde, no presente momento, requer tantos meses; ou ao verificar o segredo dos ímãs, que, se possível, só poderá acontecer graças a uma empreitada como a minha.

Essas reflexões desfizeram a agitação com a qual comecei minha carta, e eu sinto meu coração brilhar com um entusiasmo que me eleva ao Céu, pois nada contribui tanto para tranquilizar a mente como um propósito sólido, um ponto onde a alma possa fixar seu olho intelectual. Esta expedição tem sido o sonho favorito de meus primeiros anos. Eu li fervorosamente os relatos de várias viagens que foram feitas com a proposta de chegar ao Oceano Pacífico Norte através dos mares que rodeiam o polo. Você talvez se lembre que uma história de todas as viagens feitas com o intuito de descoberta representava a totalidade da biblioteca de nosso bom tio Thomas. Minha educação foi negligenciada, mas eu lia apaixonadamente. Esses volumes foram meu estudo, dia e noite, e minha familiaridade com eles aumentou aquele desgosto que senti, quando criança, ao descobrir que o último desejo de meu pai fora proibir meu tio de me permitir embarcar em uma vida de marinheiro.

Essas visões minguaram no momento em que folheei, pela primeira vez, as obras dos poetas cujas efusões puseram minha alma em transe e a levantaram ao Céu. Eu também me tornei um poeta, e por um ano, vivi em um paraíso de minha própria autoria; imaginei que eu também poderia obter um nicho em um templo onde os nomes de Homero e Shakespeare são consagrados. Você conhece bem o meu fracasso e o quão pesado para mim é o desapontamento. Mas, bem naquele momento, eu herdei a fortuna de meu primo, e os meus pensamentos se tornaram ao canal de suas naturezas de outrora.

Seis anos se passaram desde que tomei minha presente empreitada para mim. Eu consigo, mesmo agora, me lembrar da hora em que me dediquei a esse grande empreendimento. Comecei calejando meu corpo para dificuldades. Eu acompanhei os baleeiros em diversas expedições

ao mar do Norte; eu voluntariamente suportei frio, fome, sede e falta de sono; com frequência, trabalhei mais do que marinheiros comuns durante o dia e devotei minhas noites ao estudo da matemática, da teoria da medicina e daquelas ramificações da ciência física das quais um aventureiro naval possa derivar a maior vantagem prática possível. Por duas vezes, eu me ofereci como um grumete em um baleeiro da Groenlândia e me rendi à admiração. Eu admito que senti um pouco de orgulho quando meu capitão me ofertou o posto de segundo imediato, insistindo para que eu continuasse na embarcação com a maior sinceridade, de tão valioso que considerava meu serviço.

E agora, cara, Margaret, não mereço cumprir algum grande propósito? Minha vida poderia ter se passado em tranquilidade e luxo, mas eu preferi glória em detrimento de qualquer riqueza colocada em meu caminho. Oh, que alguma voz encorajadora responda afirmativamente! Minha coragem e determinação são fortes, porém minhas esperanças oscilam e meu espírito se deprime de modo frequente. Estou prestes a proceder em uma viagem longa e difícil, com emergências que podem exigir toda a minha força: é exigido não só que eu eleve os ânimos dos outros, mas, por vezes, sustente o meu, quando outros estiverem para baixo.

Este é o período mais favorável para viajar na Rússia. Eles planam rapidamente sobre a neve em seus trenós; o movimento é agradável, e, em minha opinião, muito mais confortável do que de uma carruagem inglesa. O frio não é excessivo, se você estiver embrulhada em peles, um traje que eu já deveria ter adotado, pois há uma grande diferença entre caminhar no convés e ficar sentado sem se mover por horas, dado que nenhum exercício evita que o sangue de fato congele dentro das veias. Eu não tenho a ambição de perder minha vida depois da estrada entre São Petersburgo e Arcangel.

Eu hei de partir para essa primeira cidade dentro de duas ou três semanas e tenho a intenção de contratar um barco lá, o que pode ser facilmente conseguido pagando o seguro ao seu dono, e arranjar quantos marinheiros eu achar necessários entre o que estão acostumados com a pesca de baleias. Eu não pretendo partir ao mar até o mês de junho; e quando retornarei? Ah, minha cara irmã, como posso responder essa pergunta? Se eu tiver êxito, muitos, muitos meses, talvez anos, se passem

antes que nos encontremos. Caso eu fracasse, você me verá em breve, ou nunca mais.

Adeus, minha cara e excelente Margaret. Que chovam bênçãos do Céu sobre você, e quanto a mim, que eu possa atestar repetidamente minha gratidão por todo o seu amor e bondade.

Seu afetuoso irmão,

R WALTON



AMOSTRA



CARTA II

À Sra. Saville, Inglaterra

Arcangel, 28 de março de 17—.

Como o tempo passa devagar aqui, envolto em neve e gelo como estou! Porém, um segundo passo foi tomado rumo ao meu empreendimento. Eu aluguei uma embarcação e estou ocupado reunindo marinheiros; aqueles que já contratei parecem ser homens de confiança, e certamente têm coragem indômita.

Mas há um anseio que pareço ser incapaz de satisfazer e a ausência do objeto que agora percebo como um mal dos mais severos. Eu não tenho amigos, Margaret: quando eu irradiar o entusiasmo do sucesso, não haverá ninguém para compartilhar de minha alegria; se eu for atacado pelo desapontamento, ninguém se dedicará a me apoiar em meu desânimo. Transmitirei meus pensamentos ao papel, é verdade: mas esse é um meio frugal de comunicar sentimentos. Eu desejo a companhia de um homem que possa ter simpatia por mim, cujos olhos responderiam aos meus. Você pode me julgar romântico, minha cara irmã, mas eu sinto amargamente o anseio por um amigo. Não tenho ninguém próximo a mim, gentil, porém corajoso, provido de uma mente capaz e bem aprimorada, dos quais interesses sejam semelhantes aos meus, para aprovar ou fazer adições aos meus planos. Como um amigo dessa estirpe consertaria os defeitos de seu pobre irmão! Eu ainda sou muito fervoroso na execução e muito impaciente com as dificuldades. Mas esse é um malefício ainda maior para mim, que sou autodidata: durante os primeiros catorze anos de minha vida, eu vaguei sem rumo em uma comuna e li apenas os livros de viagens de nosso tio Thomas. Naquela idade, eu tomei conhecimento dos poetas célebres do nosso país, mas foi somente quando não estive mais em meu poder usufruir dos mais importantes benefícios de tal convicção que percebi a necessidade de conhecer mais idiomas, além daquele de meu país natal. Agora, eu tenho vinte e oito

anos e na verdade sou mais analfabeto do que vários estudantes primários de quinze. É fato que eu pensei mais, e que meus sonhos diurnos são mais extensos e magníficos, porém eles querem (como os pintores dizem) *preservar*; e eu preciso imensamente de um amigo sensível o bastante para não me desprezar como um romântico e com afeição o suficiente para se dedicar a regular minha mente.

Bem, essas queixas são inúteis; eu certamente não encontrarei amigo algum no oceano, nem aqui em Arcangel, dentre mercadores e marujos. No entanto, alguns sentimentos, antagônicos à escória da natureza humana, palpitam mesmo nesses bustos calejados. Meu tenente, por exemplo, é um homem de maravilhosa coragem e diligência; ele deseja glória insanamente: ou melhor, para escrever de forma mais característica, avançar em sua profissão. Ele é um inglês, e em meio a preconceitos nacionais e de profissão, ele retém, inabalado pela experiência, alguns dos dotes mais nobres da humanidade. Eu o conheci quando estava a bordo de um baleeiro: ao descobrir que ele estava desempregado na cidade, eu facilmente o trouxe para me auxiliar em minha empreitada.

O imediato é uma pessoa de excelente disposição e é memorável no barco por sua gentileza e brandura de disciplina. Tal circunstância, somada à sua renomada integridade e coragem indômita, me despertaram o desejo de contratá-lo. Uma juventude solitária, meus melhores anos passados sob sua criação gentil e feminina, refinaram tanto os alicerces do meu caráter que eu não consigo superar um desgosto intenso pela brutalidade corriqueira praticada a bordo: eu nunca acreditei que ela fosse necessária; e quando soube de um marinheiro igualmente notável por seu coração bondoso e pelo respeito e obediência recebidos por sua tripulação, senti-me sortudo de uma forma peculiar por conseguir assegurar seus serviços para mim. Eu ouvi falar sobre ele primeiro de um jeito assaz romântico, de uma senhora que deve a ele a felicidade da vida dela. Esta, em suma, é a história dele. Há alguns anos, ele amou uma jovem russa, ligeiramente afortunada; e tendo recebido uma considerável quantia do noivo, o pai da moça consentiu com o arranjo. Ele vira sua desejada senhorita apenas uma vez antes da cerimônia destinada, todavia ela estava banhada em lágrimas, jogando-se aos pés dele, rogando-lhe para ser poupada, ao mesmo tempo confessando que amava outro, mas que era um pobre e que seu pai jamais consentiria com tal união. Meu generoso amigo reconfortou a suplicante e, ao saber do nome de

seu amante, instantaneamente abandonou sua busca por ela. Ele já havia comprado uma fazenda com seu dinheiro, na qual desejava passar o resto de sua vida, mas ele a concedeu inteiramente ao seu rival, junto com o restante do dote para comprar suprimentos. Além disso, ele próprio solicitou consentimento ao pai da dama para que ela se casasse com o amante. Mas o velho o rejeitou resolutamente, pensando estar em dívida de honra com meu amigo, que, ao notar a inexorabilidade do pai, abandonou seu país, retornando apenas quando soube que sua senhora de outrora estava casada de acordo com as próprias inclinações. “Mas que sujeito nobre!”, exclamará você. Ele de fato o é, mas também é completamente inculto: silencioso como um túmulo, possui um tipo de impetuosidade ignorante, que, embora torne sua conduta mais surpreendente ainda, o detrai do interesse e simpatia que ele de outra forma possuiria.

Mas não suponha, porque sou um pouco reclamão, ou porque consigo conceber um consolo para minhas labutas que eu talvez nunca conhecerei, que eu esteja um pouco hesitante em minhas resoluções. Elas são firmes como o destino; minha viagem só está atrasada até o clima permitir meu embarque. O inverno veio pavorosamente severo, e a primavera traz boas promessas, sendo considerada uma estação notavelmente precoce; então, talvez eu parta mais cedo do que esperava. Eu não farei nada apressado: você me conhece o suficiente para confiar em minha prudência e consideração, sempre que a segurança de terceiros estiver sob meus cuidados.

Eu não consigo descrever para você minhas sensações frente os prospectos de minha empreitada. É impossível comunicar uma concepção do tremor, meio agradável, meio temeroso, com o qual eu me preparo para partir. Eu irei a regiões inexploradas, rumo “à terra da névoa e neve”; mas não hei de matar nenhum albatroz, portanto não se alarme por minha proteção, ou devo voltar até você tão maltrapilho e pesaroso como o “Velho Marinheiro”? Você vai sorrir para a minha alusão, mas eu vou revelar um segredo. Eu normalmente atribuo meu apego, meu entusiasmo apaixonado pelos mistérios perigosos do oceano, às produções dos poetas modernos mais criativos. Há algo trabalhando em minha alma. Eu sou de modo prático um zelote penitente, um artesão dedicado à perseverança e ao labor — mas, além disso, há um amor pelo maravilhoso, uma crença de que o esplêndido, entrelaçado em todos os meus projetos, me apressa para fora dos caminhos comuns aos homens, mesmo até o mar bravio e regiões não visitadas que estou prestes a explorar.

Mas voltando às considerações mais estimadas. Devo encontrar-lhe novamente, depois de cruzar mares imensos, e voltar pelo extremo sul do cabo da África ou da América? Eu não ousou esperar tal sucesso, porém não suporto olhar para a situação reversa. Continue por hora escrevendo para mim em cada oportunidade: Eu hei de receber suas cartas em algumas ocasiões quando mais precisar de ânimo. Eu te amo com candura. Lembre-se de mim com afeto, caso você não receba mais notícias minhas.

Seu irmão afetuoso,

ROBERT WALTON



AMOSTRA



CARTA III

À Sra. Saville, Inglaterra.

Minha querida irmã, 7 de julho de 17—.

Eu escrevo algumas poucas linhas com pressa para dizer que estou em segurança e bem adiantado em minha jornada. Esta carta chegará à Inglaterra por um mercante agora a caminho de sua viagem para casa, saindo de Arcangel; mais sortudo que eu, que não verei minha terra natal, talvez, por vários anos. Eu estou, no entanto, com bom ânimo: meus homens são destemidos e aparentemente resolutos; nem mesmo as placas de gelo flutuantes que de forma contínua cruzamos, indicando os perigos da região à qual avançamos, parecem deixá-los descrentes. Já alcançamos uma latitude bem elevada, mas estamos no auge do verão, e embora não esteja tão quente como na Inglaterra, as ventanias do sul, que nos empurram com força rumo às enseadas que eu desejo tão ardentemente atingir, sopram um nível de calor restaurador que eu não antecipara.

Até agora nenhum incidente digno de figurar uma carta recaiu sobre nós. Uma ou outra ventania forte, e alguns vazamentos, são acidentes que navegadores experientes mal se lembram para registrar; e eu devo continuar contente se nada pior nos acontecer durante nossa viagem.

Adieu, minha querida Margaret. Assegure-se, por mim, assim como por você, que eu não vou encontrar perigos sem reflexão. Eu serei calmo, perseverante e prudente.

Mas o sucesso *vai* coroar meus esforços. Por que não seria assim? Cheguei até aqui, traçando um caminho seguro através de mares sem trilhas: as próprias estrelas são testemunhas e provas de meu triunfo. Por que não proceder rumo ao selvagem, porém obediente elemento? O que pode deter o coração determinado e a vontade resoluta do homem?

Meu coração vibrante transborda involuntário. Mas eu devo encerrar. Que os céus abençoem minha amada irmã!

R W.



CARTA IV

À Sra. Saville, Inglaterra.

5 de agosto de 17—.

Um acidente nos ocorreu, tão estranho que eu não suporto recordá-lo, embora seja muito provável que você me veja antes de ter esses papéis em mãos.

Na última segunda-feira (31 de julho), estávamos praticamente rodeados de gelo, o que entrou o barco por todos os lados, parcamente deixando o espaço marítimo no qual ele flutuava. Nossa situação era relativamente perigosa, especialmente por estarmos envolvidos em uma névoa muito densa. Nós nos protegemos de acordo, com esperanças de que alguma mudança acontecesse na atmosfera e no clima.

Por volta das duas horas da tarde, o nevoeiro sumiu e, observamos, estendendo-se em todas as direções, planícies vastas e irregulares de gelo, que pareciam não ter fim. Alguns de meus camaradas resmungaram, e minha própria mente começou a atentar-se mais, com pensamentos ansiosos, quando uma visão suspeita repentinamente atraiu nossa atenção e divergiu nossa preocupação com a própria circunstância em que nos encontrávamos. Percebemos uma carruagem baixa, atada a um trenó e puxada por cães, passando ao norte, a cerca de oitocentos metros de distância: um ser que tinha a forma de um homem, mas de estatura gigantesca, sentado no trenó, guiava os cães. Observamos o rápido progresso do viajante com nossos telescópios, até ele se perder em meio às distantes irregularidades do gelo.

Essa aparição gerou em nós um espanto indescritível. Estávamos, conforme acreditávamos, a muitas centenas de quilômetros de distância de qualquer terra, mas essa visão parecia denotar que não estávamos, na realidade, tão longe quanto presumimos. No entanto, travados no gelo, era impossível que seguíssemos seu rastro, que observamos com plena atenção.



Cerca de duas horas após esse acontecimento, ouvimos o som do mar calmo; e antes do anoitecer, o gelo se quebrou, libertando nossa embarcação. Nós, no entanto, ficamos abrigados até de manhã, temendo encontrar, no escuro, aquelas enormes massas soltas que flutuam depois que o gelo se estilhaça. Eu aproveitei esse tempo para descansar algumas horas.

Pela manhã, entretanto, assim que houve luz, eu subi ao convés, e me deparei com todos os marinheiros ocupados em um dos lados do barco, aparentemente conversando com alguém no mar. Era, na verdade, um trenó, como o que vimos outrora, que flutuou até nós pela noite, em um grande fragmento de gelo. Restava apenas um cão vivo, mas havia um humano nele, que os marinheiros estavam persuadindo a subir a bordo. Ele não era, como o outro viajante parecia ser, um habitante selvagem de alguma ilha inexplorada, mas sim um europeu. Quando eu apareci no convés, o imediato disse:

— Eis nosso capitão, e ele não permitirá que você defínhe no mar aberto.

Ao me ver, o estranho se dirigiu a mim em inglês, ainda que com um sotaque estrangeiro.

— Antes de eu abordar seu barco — disse ele — você poderia fazer-me a bondade de informar seu destino?

Você pode imaginar meu espanto ao ouvir tal pergunta feita a mim por um homem à beira da ruína, a quem eu deveria presumir que meu barco seria um recurso que ele não trocaria pela riqueza mais preciosa que a terra pudesse oferecer. Eu respondi, todavia, que estávamos em uma viagem de descoberta rumo ao polo norte.

Ao ouvir isso, ele pareceu satisfeito e consentiu em subir a bordo. Meu bom Deus! Margaret, se você tivesse visto o homem que agora se rendera por sua segurança, sua surpresa seria infundável. Seus membros estavam quase congelados e seu corpo terrivelmente castigado por fadiga e sofrimento. Eu nunca vi um homem tão esquelético. Tentamos carregá-lo até a cabine, mas assim que ele deixou o ar livre, desmaiou. Nós naturalmente o trouxemos de volta ao convés e o reanimamos com um pouco de conhaque, forçando-o a engolir uma pequena dose. Logo mais, ele esboçou sinais de vida, nós o enrolamos em cobertores e o colocamos

perto da chaminé do fogão da cozinha. Em lentos passos, ele se recuperou e tomou um pouco de sopa, o que o restaurou maravilhosamente.

Dois dias se passaram dessa maneira antes que ele fosse capaz de falar; e eu quase sempre temia que seus sofrimentos tivessem o privado de seu discernimento. Quando ele estava recuperado em certa medida, eu o transferei para minha própria cabine e cuidei dele tanto quanto meu trabalho permitia. Eu nunca vi uma criatura tão interessante: os olhos dele geralmente têm uma expressão de selvageria, e até mesmo de loucura; mas há momentos em que, se alguém perfaz um ato de bondade em relação a ele, ou lhe faz qualquer serviço trivial, seu semblante se acende inteiramente, com um raio de benevolência e candura que eu nunca vi igual. Porém, no geral, ele apresenta melancolia e desespero; e, de vez em quando, range os dentes, como se estivesse impaciente com o peso das mágoas que o oprimem.

Ao passo que meu convidado estava um pouco melhor, eu tive bastante trabalho para afastar meus homens, que queriam fazer a ele mil perguntas; mas eu não permitiria que ele fosse atormentado pela curiosidade fútil deles, em um estado físico e mental cuja restauração claramente dependia de repouso absoluto. Uma vez, no entanto, o tenente perguntou por que ele foi tão longe sobre o gelo em um veículo tão estranho?

Sua expressão instantaneamente assumiu um aspecto de melancolia profunda, e ele respondeu:

— Para buscar alguém que fugiu de mim.

— E o homem que você buscava viajou da mesma maneira?

— Sim.

— Então creio que o vimos, pois um dia antes de buscarmos você, avistamos alguns cães puxando um trenó, com um homem nele, através do gelo.

Isso elevou a atenção do estranho; ele fez um monte de perguntas a respeito do caminho que o *daemon*, como ele o chamava, havia seguido. Pouco depois, quando ficou a sós comigo, ele disse:

— Eu, sem dúvida, aticei sua curiosidade, assim como a daqueles bons homens, mas você tem consideração demais para me encher de perguntas.